

ROMEUZIM
e seu amigo Guto

Warley Matias de Souza

ROMEUZIM
e seu amigo Guto



Souza, Warley Matias de, 1974-

Romeuzim e seu amigo Guto / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2024.
65 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-98075-2

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

ROMEUZIM E SEU AMIGO GUTO
Copyright © 2024 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Canva*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer
processo, sem autorização por escrito do autor.

Luz. Som. Cheiros. Não que antes fosse escuro e silencioso. Havia a luz da consciência nascente. O som confuso que vinha de fora. Mas a confusão de cheiros ao nascer, me deixa alerta.

Paladar. A primeira mamada. No seio de minha mãe. Anos depois, devo ter tentado reviver esse momento. Tantos paus que mamei, nem te conto. Ou melhor, conto sim, talvez mais tarde.

O bebê bonitinho. Pretinho como a mãe. Olhinhos verdes, como os do pai. Pai. Figura autoritária e intolerante. Policial militar e católico. Branco, olhos verdes, cabelo crespo e ralo.

Mãe. Proteção e crítica. Preta e estonteantemente bela. O marido seria mais ciumento, se ela não fosse uma mulher de fé. É crente, uma vergonha para sua família católica.

Ainda não sei, sou consciência nascente, você se lembra? Ainda não sei, mas sou homossexual, *gay*, viado, bicha e outros rótulos que me darão durante toda a vida. Sou, só que não tenho a consciência. Sou, e isso está além de saber que sou.

É amor de pai e mãe? Toque. Abraço. Sorriso. Beijo. Olhar de profundidade marítima. É amor? Dizem que sim. Eu não sei. Do outro só sei a dúvida.

Minha cantiga de ninar é hino religioso. Culto ao deus que me deu a vida para adorá-lo. Para a minha mãe, a vida se restringe a isto: adorar. Ateísmo é pecado. Mais grave do que o pecado de ser eu? Ateu voltarei a ser, no futuro.

Sou todos os sentidos e pouco pensamento. Tenho necessidades. Tudo é descoberta. A dor se mistura ao prazer. E me familiarizo com o ambiente. Aprendo a conviver com estes que chamarei de pai e mãe.

Gosto do cheiro dele, de pai, de homem. Seu sorriso me encanta, gosto de olhar o seu nariz. “Papai” será minha primeira palavra dali a alguns meses.

— Romeuzim, você vai ser um jogador de primeira, não vai? Vai driblar papai? Vou te ensinar o “passo de ganso”, vou sim!

Eu sorrio sem entender nada do que ele diz, mas sei, por instinto, que o tom de voz é amigável, protetor, afetivo. Ele ainda tem esperança em mim. Mas meu talento para o futebol será nulo, serei sua grande decepção.

Durante toda a minha vida, as pessoas pensarão que me chamo Romeu em homenagem ao personagem célebre de Shakespeare. Mas não, é em homenagem ao jogador de futebol Romeu Pellicciari, do qual meu pai é

fervoroso fã.

— Que nome feio! — disse minha mãe, logo que nasci e meu pai propôs a homenagem. — Não quero meu filho com esse nome!

Mas meu pai é persuasivo. Sabe fazer cara de vítima e despertar a compaixão cristã. E faz minha mãe, apesar da culpa, delirar na cama (ai, Jesus, que pecado!) e acredita que o homem deve ter a palavra final.

— Na minha casa, homem veste calça!

Ele quer dizer que ele não veste saia, pois saia, para ele, é coisa de mulher. E, obviamente, filho dele também não pode usar saia, literal e metaforicamente.

Ele só fala da Copa do Mundo de 1950. Primeira vez no Brasil! Ele gosta de bola e buceta. É o símbolo do macho médio brasileiro. E deus aqui, e promessa ali. Minha mãe torce o nariz. Usar deus em coisa de jogo! Onde já se viu isso? No Brasil!

Os rádios ligados, os homens só pensam em futebol e sexo. Futebol antes de sexo. As mulheres balançam suas cabeças, críticas. Outras riem, alegres com seus maridos.

— Futebol é esporte de macho, Romeuzim!

— Que jogo bobo! — diz minha mãe.

— Sai pra lá, Eugênia! Mulher não entende de fu-

tebol. E dá azar. Sai pra lá!

Maracanaço! Quando a derrota brasileira dá a vitória ao Uruguai, vejo meu pai chorar, feito criança. E choro também. Ele se afasta, tem vergonha porque homem que é homem não chora. Minha mãe quer consolar o marido, mas ele se tranca no quarto.

Então me levanto, dou meus primeiros passos. Fico surpreso. Paro de chorar. É que o esforço exige concentração. Minha mãe vê o menino vacilante, no esforço de se manter em pé.

— Romeuzim, meu filho. Vem cá na mamãe. Vem cá, meu filho.

O tom de voz dela me acarinha e arranca meu sorriso de alguns dentinhos.

— Artur! Vem ver, Artur!

Mas meu pai sofre no quarto. Sofrimento de homem. A derrota do Brasil não sai de seu coração de homem. Homem que não chora. Mas o futebol faz chorar, é o esporte da paixão.

Quando ele aparece, já é tarde, estou caído de bunda no chão. Os olhos vermelhos dele buscam a novidade. Mas, neste dia, não quero mais. Sou preguiçoso. Mesmo assim, trago um pouco de esperança para o meu pai.